

Livro de poemas

Poema de Pe. José de Anchieta - quinhentismo

Jesus na manjedoura.

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Gregório de Matos-barroco

Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu O
todo sem a parte não é todo, A parte sem o todo não é
parte, Mas se a parte o faz todo, sendo parte, Não se
diga, que é parte, sendo todo. Em todo o Sacramento
está Deus todo, E todo assiste inteiro em qualquer
parte, E feito em partes todo em toda a parte, Em
qualquer parte sempre fica o todo. O braço de Jesus
não seja parte, Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte. Não se sabendo
parte deste todo, Um braço, que lhe acharam, sendo
parte, Nos disse as partes todas deste todo.

CARAMURU Canto II XVII

Não era assim nas aves fugitivas, Que umas frechava
no ar, e outras em laços Com arte o caçador tomava
vivas; Uma, porém, nos líquidos espaços Faz com a
pluma as setas pouco ativas, Deixando a lisa pena os
golpes lassos. Toma-a de mira Diogo e o ponto
aguarda: Dá-lhe um tiro e derruba-a com a
espingarda. Estando a turba longe de cuidá-lo, Fica o
bárbaro ao golpe estremecido E cai por terra no
tremendo abalo Da chama do fracasso e do estampido;
Qual do hórrido trovão com raio e estalo Algum junto a
quem cai fica aturdido, Tal Gupeva ficou, crendo
formada No arcabuz de Diogo uma trovoada. Toda em
terra prostrada, exclama e grita A turba rude em
mísero desmaio, E faz o horror que estúpida repita
Tupã, Caramuru, temendo um raio. Pretendem ter
por Deus, quando o permita O que estão vendo em
pavoroso ensaio, Entre horríveis trovões do márcio
jogo, Vomitar chamas e abrasar com fogo.

Desde esse dia, é fama que por nome Do grão
Caramuru foi celebrado O forte Diogo; e que escutado
dome Este apelido o bárbaro espantado. Indicava o
Brasil no sobrenome, Que era um dragão dos mares
vomitado; Nem de outra arte entre nós antiga idade
Tem Joce, Apolo e Marte por deidade

Suspiros Poéticos e Saudades, de Domingos José Gonçalves de Magalhães- Romantismo.

A FANTASIA Para dourar a existência Deus nos deu a fantasia; Quadro vivo, que nos fala, D'alma profunda harmonia. Como um suave perfume, Que com tudo se mistura; Como o sol que flores cria, E enche de vida a natura. Como a lâmpada do templo Nas trevas sozinha vela, Mas se volta a luz do dia Não se apaga, e sempre é bela. Dos pais, do amigo na ausência, Ela conserva a lembrança, Aviva passados gozos, E em nós desperta a esperança. Por ela sonho acordado, Subo ao céu, mil mundos gero; Por ela às vezes dormindo Mais feliz me considero. Por ela, meu caro Lima, Viverás sempre comigo; Por ela sempre a teu lado Estará o teu amigo.

CAPÍTULO IX / TRANSIÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis-realismo

E vejam agora com que destreza; com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grão pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada. De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método. Na verdade, era tempo. Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloqüência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha.

Lucas Lima Mota-naturalismo.

Abita um bicho em mim Tenho medo de bicho Bicho é
assim, paira para pairar

Naturalistas, escritores, cientistas, músicos ricos não
pairam, pobres sim... Bichos não são naturalistas Só
homens, mulheres...nem pensar O tempero da
racionalidade É a perca E de não ter, é não ter perca O
mercado esta de portas abertas No entanto fechadas
Para quem não é naturalista Surfistas moram nas
praias Imperialistas dentro do mercado.

Olavo Bilic-parnasianismo.

Ouvir Estrelas "Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo,
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto, Que,
para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas,
pálido de espanto... E conversamos toda a noite,
enquanto a Via-Láctea, como um pálio aberto, Cintila.
E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro
pelo céu deserto. Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido Tem o que
dizem, quando estão contigo?" E eu vos direi: "Amai
para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

ALPHONSUS DE GUIMARAEN- simbolismo.

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia. As estrelas dirão — "Ai! nada somos, Pois ela se morreu silente e fria.. ." E pondo os olhos nela como pomos, Hão de chorar a irmã que lhes sorria. A lua, que lhe foi mãe carinhosa, Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la Entre lírios e pétalas de rosa. Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os arcanjos dirão no azul ao vê-la, Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

Oswald de Andrade- Pré-modernismo.

Pronominais

Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do
aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom
branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa
disso camarada Me dá um cigarro. Oswald de Andrade

Mário De Andrade-modernismo.

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do
despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como
uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por
todos os poros Burra como uma porta: Paciência...
Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.